

O significado do brincar e da brinquedoteca para a criança hospitalizada na visão da equipe de enfermagem

*The Meaning of Play and Playroom for Hospitalized Children
in the Perspective of the Nursing Team*

RESUMO Este estudo teve como objetivo conhecer o significado que a equipe de enfermagem atribui ao brincar e à brinquedoteca no que se refere ao restabelecimento da saúde da criança hospitalizada e identificar como a equipe percebe a brinquedoteca. Trata-se de um estudo descritivo com dados quali-quantitativos baseado na análise de entrevistas semiestruturadas com 16 profissionais da equipe de enfermagem que trabalhavam na unidade de pediatria de um hospital de grande porte do interior de São Paulo. Os aspectos éticos foram respeitados em consonância com a Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta a realização de pesquisa com seres humanos. O protocolo de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) – processo nº 38/11. A equipe de enfermagem foi unânime em considerar importante a brinquedoteca no ambiente hospitalar, porém a falta de funcionários especializados, de voluntários e de organização na brinquedoteca da instituição em questão limitava seu uso em vários dias e horários da semana. Evidencia-se, portanto, o quanto as instituições hospitalares precisam investir e incentivar o preparo dos profissionais de saúde para gerenciar o uso da brinquedoteca e compreender sua importância para criança hospitalizada.

Palavras-chave: JOGOS E BRINQUEDOS; CRIANÇA HOSPITALIZADA; EQUIPE DE ENFERMAGEM.

ABSTRACT This study aimed at understanding the meaning that the nursing team attributes to play and playroom in restoring the health of hospitalized children and identifying the team's perspective about the playroom. This is a descriptive study with qualitative and quantitative data based on the analysis of semi-structured interviews with 16 members of the nursing team working in the pediatric unit of a large hospital in a country town of São Paulo. Ethical aspects were respected in line with Resolution 196 of the National Health Council, which regulates the conduct of research on human beings. The research protocol was submitted and approved by the Research Ethics Committee of the Methodist University of Piracicaba (Unimep) - Case No 38/11. The nursing staff was unanimous in considering the importance of the playroom in the hospital environment, but the lack of specialized staff, volunteers and organization in the institution's playroom limited its use in several days and times of the week. Therefore, it is evident that hospitals must invest and encourage the preparation of health care professionals to manage the use of the playroom and understand its importance for hospitalized children.

Keywords: PLAY AND PLAYROOM; HOSPITALIZED CHILDREN; NURSING TEAM.

MARIA CRISTINA PAULI ROCHA
Enfermeira, Mestre, Docente do curso de Enfermagem da Universidade Metodista de Piracicaba

ELUSI CRISTIANE VIANA DIAS
Enfermeira. Graduada em Enfermagem pela universidade Metodista de Piracicaba

ANGELA MÁRCIA FOSSA
Enfermeira, Mestre, Docente do curso de Enfermagem da Universidade Metodista de Piracicaba

TEREZA MITSUE HORIBE
Enfermeira. Mestre, Docente e Coordenadora do curso de Enfermagem da Universidade Metodista de Piracicaba

INTRODUÇÃO

Este estudo enfatiza as funções terapêuticas do brincar, além de sua importância para o restabelecimento de crianças hospitalizadas. No momento de crise, determinado pela doença e hospitalização, a criança necessita, basicamente, de apoio e amor materno. Sabe-se que ausência da mãe ou da família leva a criança a sentir-se abandonada.¹

O primeiro aspecto que envolve a criança hospitalizada relaciona-se ao ambiente onde se encontra. Para ela, o ambiente hospitalar é ameaçador e desconhecido. Ter que lidar com situações difíceis, como procedimentos dolorosos, torna o ambiente hospitalar extremamente estressante para a criança.

No estado de São Paulo, a mãe ou o responsável legal tem o direito de acompanhar sua criança durante a internação. Este direito foi oficializado em 12 de outubro de 1988, por meio da internação conjunta de mãe e filho. Conforme consta na Resolução SS-165,² a Sociedade de Pediatria de São Paulo recomendou que fosse implementado o alojamento conjunto em todas as unidades de pediatria do estado, com a finalidade de promover a indissolubilidade da relação mãe-filho, a humanização do atendimento à criança internada, a possibilidade de diminuir o prazo de internação e reduzir o número de reinternações e a oportunidade de prover a educação em saúde. Sabe-se que a presença da mãe junto à criança internada pode ser um dos métodos mais efetivos para reduzir os traumas psicológicos da hospitalização.

As crianças que adoecem ficam mais chorosas e agarradas aos pais. Se sua patologia for grave a ponto de exigir uma hos-

pitalização, seu quadro emocional tende a piorar, em virtude do afastamento de sua casa e familiares, principalmente pelos procedimentos médicos e de enfermagem aos quais serão submetidas. Neste cenário, a enfermagem precisa posicionar-se de maneira a tornar a permanência da criança no hospital o mais agradável possível.³

Para que o tratamento da criança tenha êxito, é importante o estabelecimento de vínculo de confiança da criança com o profissional de saúde. Atitudes sinceras e verdadeiras, respeitando a criança como um indivíduo com direitos e deveres, certamente são fundamentais para o sucesso.³

Além das mudanças ambientais, a criança hospitalizada tem que suportar também as mudanças impostas pelo tratamento, passando a lidar com situações de dor, exames, dietas, jejuns, e exigindo maior atenção e dedicação por parte da equipe de profissionais responsáveis. Neste sentido, a brinquedoteca hospitalar representa o espaço lúdico que proporciona o ambiente favorável para o brincar, o que é essencial para o desenvolvimento pleno da criança hospitalizada.⁴

A Lei nº. 11.104⁵ foi sancionada pelo presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva no dia 21 de março de 2005 e dispõe sobre a obrigatoriedade da instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Sabe-se que, embora a lei exista, alguns hospitais cumprem-na de modo apenas formal, ou seja, na realidade, as brinquedotecas existem em virtude da lei, porém, na prática, muitas vezes não funcionam adequadamente.

Na prática diária dos profissionais de enfermagem, percebe-se que, em virtude da

necessidade de atender a toda a uma demanda fisiológica da criança, visando à sua recuperação, eles dedicam pouca ou nenhuma atenção às questões psicológicas da criança, o que faz com que o uso da brinquedoteca seja, em grande parte das vezes, limitado.

Conforme Cunha e Viegas,⁶ a brinquedoteca hospitalar é de extrema importância para a compreensão e aceitação da doença e para a evolução do tratamento por parte da criança. Os objetivos da brinquedoteca compreendem: preservar a saúde emocional da criança; preparar a criança para lidar com situações difíceis próprias da hospitalização; dar continuidade à estimulação de seu desenvolvimento; auxiliar na recuperação; amenizar o trauma psicológico da internação; e preparar a criança para voltar para casa.

Os brinquedos podem ser classificados em *normativos e terapêuticos*. Os normativos estão relacionados com o prazer das crianças, com atividades espontâneas e que não tenham nenhum objetivo predeterminado. Já os brinquedos terapêuticos necessitam de profissionais capacitados e conhecedores da técnica das atividades propostas. Com a junção dos brinquedos normativos e terapêuticos pode-se promover o bem-estar físico e emocional da criança hospitalizada.⁷

Em relação ao brinquedo terapêutico, ele pode ser classificado em:

- dramático: com finalidade de permitir à criança exteriorizar as experiências que tem dificuldade de verbalizar, a fim de aliviar a tensão, expressar sentimentos, necessidades e medos;
- capacitador de funções fisiológicas: utilizado para capacitar a criança

para o autocuidado, de acordo com seu desenvolvimento, condições físicas e prepará-la para aceitar sua nova condição de vida;

- instrucional: utilizado neste estudo, indicado para preparar e informar a criança sobre os procedimentos terapêuticos a que deverá se submeter, com a finalidade de envolvê-la na situação e facilitar sua compreensão a respeito do procedimento a ser realizado.⁸

A brinquedoteca, portanto, é um espaço onde as crianças doentes aprendem a compartilhar brinquedos, histórias, emoções, alegrias e tristezas sob a condição de hospitalização. Contudo, o brincar é importante para criança e a equipe profissional deve reconhecer essa necessidade.

Propiciar meios para o funcionamento eficaz da brinquedoteca e incorporá-la de forma sistemática na assistência diária é de fundamental importância para o restabelecimento da saúde e o cuidado holístico à criança hospitalizada. A intervenção lúdica facilita a comunicação, possibilita a construção e reconstrução da própria individualidade pela criança, aspecto este bastante fragilizado pelo processo de hospitalização.⁹

Neste contexto, o objetivo do presente estudo foi verificar o significado do brincar e da brinquedoteca para o profissional de enfermagem como ferramenta no restabelecimento de crianças hospitalizadas.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como descritivo com dados quali-quantitativos, baseado

na análise de entrevistas semiestruturadas com 16 profissionais (100% do corpo de enfermagem do local pesquisado) que trabalhavam na unidade de pediatria de um hospital de grande porte do interior de São Paulo.

Em relação à faixa etária, sete profissionais participantes tinham entre 30 e 39 anos, seguidos de cinco entre 40 e 59 anos e quatro entre 20 e 29 anos. Em relação ao gênero, todos eram do sexo feminino.

Dentre as entrevistadas, oito tinham mais de nove anos de experiência profissional, seis tinham de quatro a sete anos de experiência, e duas de um a três anos. Em relação ao tempo de trabalho na pediatria do hospital em estudo, oito trabalhavam havia mais de nove anos, seguidas de quatro que trabalhavam entre quatro e sete anos e quatro entre um e três anos. Dentre todas as profissionais entrevistadas, somente quatro realizaram algum curso ou palestra sobre brinquedoteca durante a vida profissional.

A coleta de dados realizou-se por meio de um questionário, que levantou dados de identificação dos sujeitos e dados que enfatizaram o significado que atribuem ao brincar e à brinquedoteca para o restabelecimento de crianças hospitalizadas.

Para a coleta de dados, as profissionais da equipe de enfermagem foram contatadas diretamente pela pesquisadora e todas aceitaram participar da pesquisa. As profissionais incluíram: uma enfermeira, treze técnicas e duas auxiliares de enfermagem.

A coleta de dados foi realizada nos meses de julho a agosto de 2011, e ocorreu nos turnos da manhã, da tarde e da noite. Para garantir o anonimato dos sujeitos da pesquisa, as participantes foram nomeadas de S1 a S16.

Os aspectos éticos foram respeitados em consonância com a Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamentava a realização de pesquisa com seres humanos. O protocolo de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) – processo nº 38/11.

As questões fechadas foram tabuladas e analisadas segundo variáveis do estudo e apresentadas em forma de gráficos e tabelas por meio do programa SPSS e as questões abertas foram digitadas na íntegra e analisadas buscando semelhanças e apresentadas por meio de descrição das falas (discursos) da equipe de enfermagem.

A unidade hospitalar onde a pesquisa foi realizada tem seu atendimento direcionado exclusivamente ao Sistema Único de Saúde (SUS) e disponibiliza atendimento a mais de duzentas crianças todos os meses. Conta com 31 leitos e conta com 16 profissionais de enfermagem.

Este local dispõe de uma sala para prescrição médica, uma sala de enfermagem, uma sala de apoio para os pais, uma sala para realização de procedimentos invasivos e uma brinquedoteca. A brinquedoteca é um local onde as crianças têm livre acesso e têm à sua disposição uma televisão, um cavalete, um escorregador e uma mesinha com cadeiras. O restante dos brinquedos fica armazenado em um armário no mesmo local, ao qual somente a pedagoga tem acesso. As crianças podem brincar livremente com os objetos disponíveis na sala, porém não há um profissional treinado disponível para acompanhá-las. No entanto, os brinquedos dos armários só são disponibilizados na presença de alunos voluntários que se responsabilizam por estar com essas crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os profissionais entrevistados, ao serem indagados sobre se consideravam importante a brinquedoteca no hospital, são unânimes em responder que sim. Para os sujeitos da pesquisa, a brinquedoteca pode deixar mais agradável o ambiente hospitalar (considerado “assustador” para criança).

Esses dados corroboram a obra de Cunha e Viegas,⁶ que citam a importância da brinquedoteca nos hospitais para a compreensão, aceitação da doença e evolução do tratamento de crianças hospitalizadas.

Segundo a Portaria nº 2.261/GM 23/11/2005, capítulo II – Art. 3º. Entende-se por brinquedoteca o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar, contribuindo para a construção e/ou fortalecimento das relações de vínculo e afeto entre as crianças e seu meio social.¹⁰

Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente,¹¹ toda criança tem o direito de brincar, sendo necessário que a população faça cumprir esse direito e que ele seja respeitado. Sabe-se que o brincar é uma atividade importante para saúde física, emocional e intelectual do ser humano. Nesse contexto, a brinquedoteca hospitalar torna-se de extrema importância para recuperação da criança.

Dos 16 funcionários entrevistados, cinco (31%) disseram que a brinquedoteca é importante por ser um *meio de lazer* e 11 (69%) *porque ajuda na recuperação da criança*.

Eu acredito que a brinquedoteca ajude a distrair a criança e a mãe durante a internação, como se fosse um lazer, e torna a recuperação da criança mais rápida e menos traumática, melhora também

a autoestima da criança. Mas tem que ter alguém responsável pelas crianças neste horário. (S5).

A brinquedoteca ajuda na recuperação da criança, ela refere menos dor, aceita melhor os cuidados da enfermagem, torna o ambiente hospitalar mais agradável e diminui o estresse do ambiente hospitalar. (S6).

A brinquedoteca hospitalar representa o espaço lúdico que proporciona o ambiente favorável para o brincar, o que é essencial para o desenvolvimento pleno da criança hospitalizada.⁴

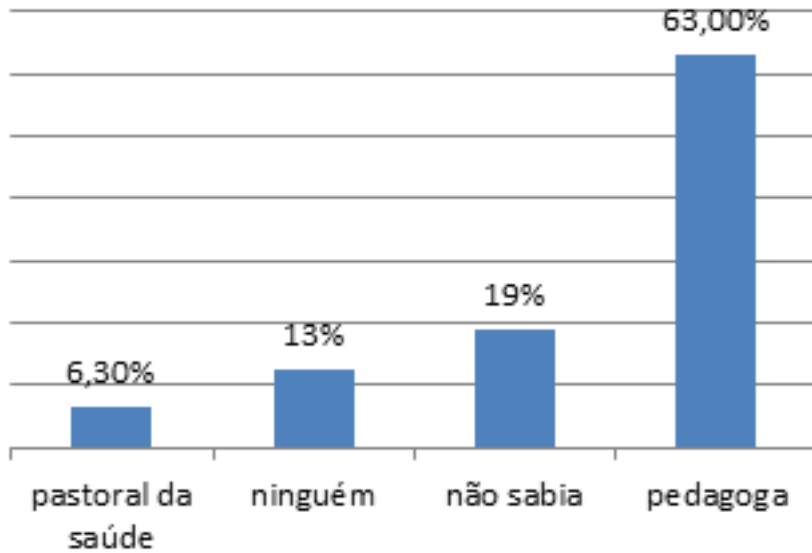
As mães também percebem o brincar como um sinal de saúde, e essa atividade tem uma forte relação com o desenvolvimento e o crescimento da criança.¹² O brincar no hospital pode ajudar, não só a criança, mas também quem a acompanha, seus familiares e toda a equipe interdisciplinar à sua volta, no processo de internação, no tratamento e em sua alta hospitalar.¹³

A equipe de enfermagem entrevistada nesta pesquisa reconhece a importância da brinquedoteca e tem conhecimento dos motivos pelos quais o brincar é tão relevante no processo de hospitalização da criança.

Em relação ao conhecimento da equipe de enfermagem sobre a quem é a pessoa responsável pela brinquedoteca, foram identificadas respostas contraditórias (Figura 1).

Percebe-se que as profissionais entrevistadas não têm conhecimento de quem realmente é o responsável pela brinquedoteca. Embora a maior parte (62,6%) delas diga que a responsável pela brinquedoteca é a pedagoga, há um desconhecimento por parte da equipe como um todo em relação a quem deve coordenar e organizar o espaço. Os relatos abaixo demonstram exatamente essa incoerência nas falas dos sujeitos da pesquisa.

Figura 1 - Distribuição dos profissionais entrevistados segundo a responsabilidade pela brinquedoteca



A responsável pela brinquedoteca é a pedagoga. (S4).

Não sei. (S9 e S5).

Agora (hoje) responsável não tem ninguém. (S6).

Ninguém. (S7 e S10).

Não sei e nem nunca vi, principalmente à noite. (S9).

Pelo que sei é a pastoral da saúde, porém dizem que é a pedagoga do hospital. (S12).

A contribuição da brinquedoteca hospitalar para a criança doente está intimamente implicada com os profissionais de saúde que a organizam, e cabe ao seu coordenador o planejamento, organização, avaliação e supervisão do atendimento nesse espaço.¹⁴

Apesar da existência do espaço físico da brinquedoteca, a equipe de enfermagem

desconhece quem coordena o trabalho. Este desconhecimento, revelado a partir da ausência de pessoal qualificado e de normas e rotinas para o funcionamento, reflete um descompromisso com quem cuida e quem é cuidado.

Em relação a quem brinca com as crianças na brinquedoteca, seis (37,50%) não responderam e dez (62,5%) disseram que são voluntários (alunos de escola) que não estão em período de férias e as próprias mães das crianças.

Observa-se que nenhum episódio de brinqueio terapêutico é realizado pela enfermeira. A brinquedoteca fica à mercê da boa vontade de voluntários, que são os alunos de escola do ensino fundamental e médio, quando estão em período letivo.

Sabe-se que existem dois tipos de brincadeiras: a recreacional e a terapêutica. A recreacional constitui-se de atividades não

estruturadas, que promovem interação entre as crianças. A terapêutica constitui-se de atividades estruturadas, conduzidas por profissional especializado (pode ser a enfermeira), que visam promover o bem-estar físico e emocional da criança. O brinquedo terapêutico pode ser utilizado por qualquer criança hospitalizada, nas mais diversas situações, por enfermeiras, e tem por objetivo permitir à criança a verbalização/demonstração de necessidades e compreensão dos sentimentos.⁸

Conforme a Resolução nº 295/2004 do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen): “Compete ao Enfermeiro que atua na área pediátrica, enquanto integrante da equipe multiprofissional de saúde, a utilização da técnica do brinquedo na assistência à criança e família hospitalizada.”¹⁵

No entanto, o enfermeiro deve prever, prover e facilitar a atividade com o brinquedo terapêutico com a criança hospitalizada como parte do plano de cuidados. Embora os profissionais entrevistados acreditem que a brinquedoteca seja uma ferramenta importante na recuperação da criança hospitalizada, percebe-se que ela não funciona rotineiramente por não dispor de um profissional encarregado por seu funcionamento.

Neste sentido, faz-se necessário um profissional habilitado e especializado que possa atender à necessidade diária de uma brinquedoteca, incentivando e propiciando o brincar no ambiente hospitalar.

Em relação à organização e horário de funcionamento da brinquedoteca, todos foram unânimes em afirmar que não há organização quanto aos dias e horários de funcionamento. Conforme relato abaixo, a

sala da brinquedoteca fica aberta, com acesso à televisão, escorregador e cavalinho, porém os brinquedos que realmente distraem as crianças ficam trancados nos armários, que só são abertos no período da tarde, na presença de voluntários (alunos de escolas).

Os brinquedos que realmente distraem as crianças [são] lápis de cor, desenho para pintar, bonecas, carrinhos, jogos etc., porém os brinquedos ficam trancados nos armários da brinquedoteca, que só são abertos no período da tarde, quando vêm voluntários (alunos de escolas). Não se tem organização, porque não se sabe exatamente quem é o responsável pela brinquedoteca. (S6 e S12).

Percebe-se que a participação destes voluntários não tem dia e nem horário estipulado, sendo que durante as férias escolares eles não comparecem. De acordo com os sujeitos da pesquisa, não se tem organização porque não se sabe exatamente quem é o responsável pela brinquedoteca e como e para quem se deve exigir organização. Os relatos abaixo deixam transparecer a falta de organização em relação ao funcionamento da brinquedoteca.

Não tem organização. No horário noturno as crianças acabam ficando atrás das auxiliares, pois os brinquedos são guardados em armários e trancados de noite. (S9).

Não tem organização, por que [eu] não sei [...]. Não tem nem horário. Os horários são de acordo com as possibilidades dos estagiários, ficando fechado nos demais horários, parte dos brinquedos pedagógicos. (S4).

A criação e funcionamento da brinquedoteca hospitalar exigem que certos critérios sejam seguidos: apoio da direção do

hospital; espaço físico; recursos materiais para sua execução; definição dos objetivos; equipe responsável pela brinquedoteca; planejamento das atividades; participação da família; prevenção da contaminação hospitalar por meio de brinquedos; respeito às regras do hospital; e análise da repercussão da brinquedoteca na qualidade de vida dos pacientes atendidos e de suas famílias.¹³

Para se ter uma brinquedoteca, não basta reunir alguns brinquedos em um espaço físico determinado. É necessário haver organização, manutenção e reposição destes brinquedos, o que exige tempo, recursos materiais e humanos especialmente qualificados para este fim. Para a autora, a equipe de trabalho deveria consistir de um número suficiente de colaboradores capazes de realizar de forma adequada as atividades previstas na brinquedoteca.¹⁶

No entanto, percebe-se, por meio desta pesquisa, que a brinquedoteca está ocupando um espaço físico como a teoria predetermina; porém, na prática, o que ocorre é que essa brinquedoteca não funciona regularmente e de forma eficaz, não atendendo às exigências do que realmente é uma brinquedoteca.

Em relação à aceitação das brincadeiras pelas crianças, 16 (100%) entrevistadas disseram que as crianças aceitam as brincadeiras, e todos os membros da equipe de enfermagem relatam que a sala da brinquedoteca é utilizada com frequência pelas crianças.

As crianças e as mães podem sair do quarto e não precisam do acompanhamento ou supervisão de nenhum funcionário da equipe, para assistir TV, brincar umas com as outras no escorregador e cavalinho. As crianças pedem com frequência para a enfermagem abrir os armários, mas os armários só são abertos quando vêm voluntários. (S1 e S6).

A brincadeira é essencial para o bem-estar mental, emocional e social das crianças. A necessidade de desenvolvimento e de brincar não é interrompida quando as crianças estão doentes ou no hospital.¹⁷

Uma pesquisa realizada com o objetivo de analisar como ocorrem as atividades de uma brinquedoteca também revelou, assim como os sujeitos desta pesquisa, que as crianças manifestam um desejo muito grande de ir à brinquedoteca e um sentimento de alegria e entusiasmo durante as atividades realizadas neste espaço.¹⁸

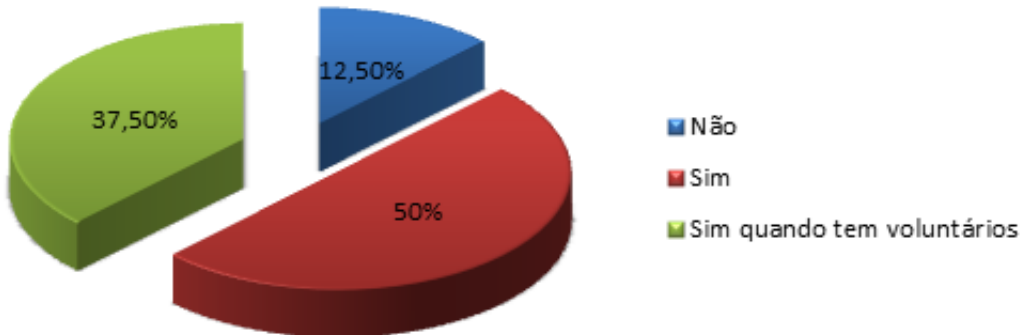
Fica claro, portanto, que, embora grande parte dos brinquedos fique armazenada em armários aos quais somente voluntários têm acesso, as crianças manifestam um forte desejo de ir à brinquedoteca.

Todos os entrevistados relataram que a sala da brinquedoteca é utilizada com muita frequência pelas crianças e pelas mães. Ali as crianças podem assistir à televisão, brincar umas com as outras no escorregador e no cavalinho, porém essas atividades ocorrem sem o acompanhamento e supervisão de nenhum funcionário da equipe. As crianças pedem com frequência para a enfermagem abrir os armários onde se encontram os brinquedos, mas a chave não fica no setor e os armários só são abertos quando voluntários dispõem-se a prestar esse serviço.

Embora a brinquedoteca seja utilizada com frequência pelas crianças e elas aceitem as brincadeiras, esse espaço é pouco usado pela equipe de enfermagem (Figura 2).

A brinquedoteca não é apenas um lugar onde estão armazenados os brinquedos, mas também onde a brincadeira é incentivada. Neste sentido, todos os entrevistados desta pesquisa deveriam incentivar as crianças a irem à brinquedoteca.¹⁶

Figura 2 - Distribuição dos profissionais entrevistados sobre o incentivo para que as crianças visitem a brinquedoteca



Sabe-se que, para contribuir na construção de vínculo profissional-criança-família, os hospitais devem incentivar o uso do brinquedo, investir em técnicas de distração e ativar a brinquedoteca com profissionais qualificados para atuar em pediatria.¹⁹

Os relatos demonstraram as *vantagens da brinquedoteca* para a criança hospitalizada.

Diminui o estresse de estarem (crianças) longe de casa e de sua rotina. (S13).

Preenche o tempo necessário para o restabelecimento da criança e elas ficam mais calmas. (S10).

Sossego para as mães e até para enfermagem. (S11).

As crianças aceitam melhor o tratamento. (S6).

Ajuda na autoestima, no desenvolvimento físico e motor e as crianças referem menos dor. (S1).

A recuperação da criança é mais rápida. (S14).

Sete (43,75%) profissionais entrevistados relataram que a brinquedoteca tem desvantagens e nove (56,25%) acreditam não

haver desvantagem. Com relação às *desvantagens da brinquedoteca* para a criança hospitalizada, seguem os relatos.

As crianças ficam frustradas de ver os armários trancados, sabendo que está cheio de brinquedos e que não podem brincar. (S15).

Quando não têm voluntários e as mães ficam distraídas, as crianças brincam sozinhas, acabam caindo e se machucando. (S9).

Não ter alguém em todos os períodos para abrir os armários e brincar com as crianças. (S12).

Conforme fica evidente, todas as desvantagens referem-se a problemas burocráticos de organização e funcionamento da brinquedoteca.

Quando questionadas se havia melhora do quadro clínico da criança com o uso da brinquedoteca, todas as entrevistadas relataram observar que elas ficam mais ativas, descontraídas, calmas e interativas.

Só não ocorrem todos esses benefícios com todas as crianças porque nem todas têm a oportunidade de brincar por falta de organização quanto a dias e horários de funcionamento e falta de voluntários.

As crianças têm melhora do quadro clínico porque ficam mais ativas; esquecem um pouco da dor e dos procedimentos dolorosos realizados com elas; interagem com outras crianças e adultos tornando o ambiente mais confiável; ficam menos estressadas e esquecem temporariamente que estão em um ambiente hospitalar. (S4 e S8).

Segundo pesquisadoras, a atividade recreativa livre e desinteressada tem um efeito terapêutico, pois auxilia na promoção do bem-estar da criança. Atividades lúdicas são liberadoras de tensões, trazem prazer e influenciam o intelecto, o emocional e o físico da criança.¹⁷

Um dado que chamou atenção foi que grande parte dos procedimentos de enfermagem são realizados na brinquedoteca, conforme mostra a Figura 3.

É realizado na brinquedoteca medicamentos, troca de soro e verificação de sinais vitais, porque as medicações têm horário; as crianças ficam

muito felizes na brinquedoteca e não querem voltar ao quarto para serem medicadas. (S7 e S8).

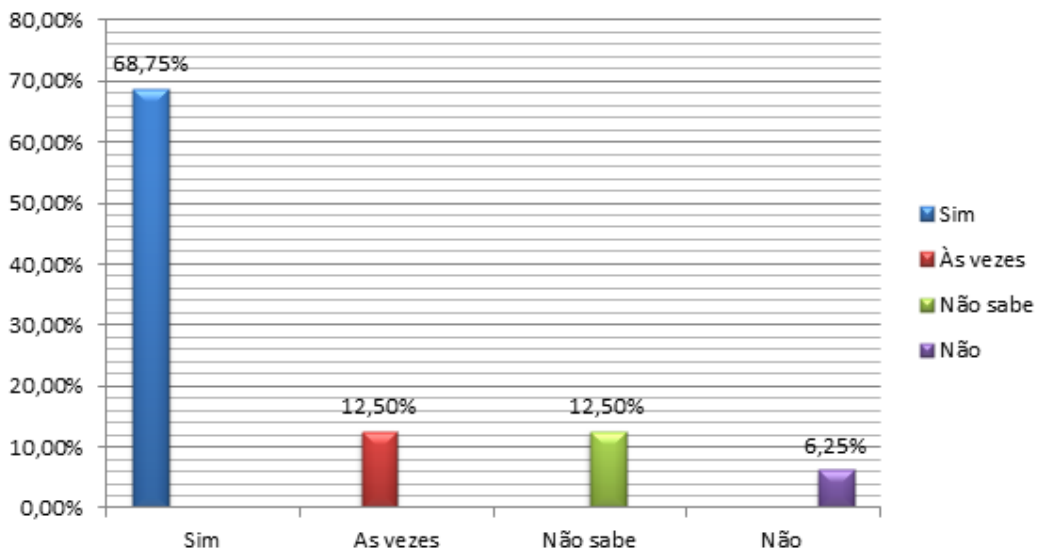
O brinqueo terapêutico pode facilitar os procedimentos de enfermagem, evitando processos traumáticos futuros para a criança, porém estes devem ser realizados no leito, em salas apropriadas e conveniente para a atividade, e nunca na brinquedoteca. A criança deve sentir-se sempre segura na brinquedoteca.²⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a equipe de enfermagem considere importante a utilização da brinquedoteca na pediatria como estratégia para o restabelecimento da criança doente, apenas o brinqueo normativo é utilizado, e de forma esporádica.

Fica evidente que o espaço físico da brinquedoteca é utilizado pela criança jun-

Figura 3 - Distribuição de profissionais entrevistados sobre a realização de algum procedimento de enfermagem na brinquedoteca



tamente com sua mãe no horário que acharem mais conveniente. Porém, a equipe de enfermagem não utiliza esse espaço e seus recursos para humanizar o atendimento, estimular e favorecer o desenvolvimento da criança hospitalizada e promover a socialização e a educação em saúde. Uma das prováveis razões é o dimensionamento de pessoal, que não permite o atendimento integral preconizado na atenção à criança (que deveria incorporar o brincar como uma necessidade durante a hospitalização).

Os brinquedos ficam armazenados dentro de um armário trancado, impossibilitando o livre acesso das crianças a eles. A brinquedoteca não atende ao proposto de ser um espaço que possibilite à criança brincar plenamente.

A falta de um funcionário especializado que coordene e organize esse espaço e a fal-

ta de capacitação do profissional enfermeiro na utilização do brinquedo terapêutico reflete um descompromisso daquele que cuida por quem é cuidado e mostra a violação do direito de brincar da criança e, portanto, da sua dignidade.

Cabe, portanto, uma maior conscientização da administração hospitalar e dos responsáveis técnicos pelos setores das pediatrias sobre a importância de investir e incentivar os profissionais de enfermagem para gerenciarem o uso da brinquedoteca e fazerem do brinquedo um recurso terapêutico aliado na recuperação e bem-estar das crianças, assim como cabe aos cursos de formação em enfermagem trabalhar a incorporação do brinquedo e da brinquedoteca no fazer/assistir da enfermagem.

REFERÊNCIAS

1. Lima RAG, Rocha SMM, Scochi CGSS. Assistência à criança hospitalizada: reflexões acerca da participação dos pais. *Rev. latino-Am.enfermagem*.1999; 7(2): 33-9.
2. São Paulo (Estado). Secretaria de Estado da Saúde. Resolução SS-165 de 12 de outubro de 1988. Dispõe sobre o Programa da Mãe Participante nos estabelecimentos que especifica e dá providência correlata. *Diário Oficial do Estado, São Paulo* (14 mar. 1989); Seção 1, p. 99.
3. Mitre RMA, Gomes R. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. *Ciênc. saúde colet*. 2004; 9(1): 147-54.
4. Berto CEO, Abrão JLF. A importância do brincar no contexto hospitalar: percepção e compreensão da equipe de enfermagem. *Revista de Psicologia da Unesp*. 2009; 8(2): 154-9.
5. Brasil. Lei 11.104 de 21 de março de 2005. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. *Diário Oficial da União* (22 mar. 2005).
6. Cunha NHS, Viegas D. Brinquedoteca hospitalar: guia de orientação. São Paulo: Lamara; 2004.
7. Leite TMC, Shimo AKK. O brinquedo no hospital: uma análise da produção acadêmica dos enfermeiros brasileiros. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*. 2010; 63(6): 950-5.
8. Cintra SMP, Silva CV, Ribeiro CA. O ensino do brinquedo: brinquedo terapêutico nos cursos de Graduação em Enfermagem no Estado de São Paulo. *Rev Bras Enferm*. 2006; 59(4): 497-501.
9. Lemos LMD, Pereira WJ, Andrade JS, Araujo A da S. Vamos cuidar com brinquedos? *Rev Bras Enferm*. 2009; 63(6): 950-5.
10. Brasil. Portaria nº 2.261, de 23 de novembro de 2005. [acesso 26/05/2015]. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt2261_23_11_2005.html

11. Brasil. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União (16 jul. 1990).
12. Silva DF, Corrêa I. Reflexão sobre as vantagens, desvantagens e dificuldades do brincar no ambiente hospitalar. Rev. Min. Enferm. 2010; 14(1): 37-42.
13. Barros DMS, Lustosa MA. A ludoterapia na doença crônica infantil. Revista da sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar. 2009; 12(2): 114-36.
14. Dietz KG, Oliveira VD. Brinquedotecas hospitalares, sua análise em função de critérios de qualidade. Bol. - Acad. Paul. Psicol. 2008; 28(1): 100-10.
15. Brasil. Conselho Federal de Enfermagem – Cofen. Resolução nº 295/2004 de 24 de outubro de 2004. Dispõe sobre a utilização da técnica do Brinquedo/Brinquedo Terapêutico pelo Enfermeiro na assistência à criança hospitalizada. [acesso 26/05/2015]. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resoluco-cofen-2952004_4331.html
16. Fortuna TR. Ensinando a montar e manter brinquedoteca: a experiência em assessoria universitária à criança de espaços lúdicos. Resumos da 9º Conferência de Ludotecas: Brincar é Crescer. 14-17 mai. 2002; Lisboa, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Instituto de Apoio às Crianças; 2002, p.115.
17. Castro DP; Andrade CUB, Luiz E, Mendes M., Barbosa D, Santos LHG. Brincar como instrumento terapêutico. Pediatria (São Paulo). 2010; 32(4): 246-54.
18. Angelo TS, Vieira MRR. Brinquedoteca hospitalar: da teoria à prática. Arq. Ciênc. Saúde. 2010; 17(2): 84-90.
19. Magnabosco G, Tonelli ALF, Souza SNDH. Abordagens no cuidado de enfermagem à criança hospitalizada submetida a procedimentos: uma revisão de literatura. Cogitare Enfermagem. 2008; 13(1): 103-8.
20. Schmitz SM, Poccoli M., Vieira CS. A criança hospitalizada, a cirurgia e o brinquedo terapêutico: uma reflexão para a enfermagem. Ciência, Cuidado e Saúde. 2003; 2(1): 67-73.